

O PURGATÓRIO EM PERSPECTIVA: DE DANTE ALIGHIERI E GUSTAVE DORÉ À ORIGINALIDADE DO PENSAMENTO DE CHIARA LUBICH

PURGATORY IN PERSPECTIVE: FROM DANTE ALIGHIERI AND GUSTAVE DORÉ TO THE ORIGINALITY OF CHIARA LUBICH'S THOUGHT

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-025>

Geraldo Pieroni

Doutor em História pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5942523122018910>

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1896-8373>

Resumo

O presente artigo analisa o purgatório a partir de um percurso interdisciplinar que articula literatura, arte, história da doutrina e teologia espiritual. Parte da representação literária do Purgatório na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e de sua interpretação visual nas gravuras de Gustave Doré, examina a formação histórica e teológica na tradição cristã e culmina na releitura proposta por Chiara Lubich. O estudo demonstra que o purgatório foi progressivamente compreendido menos como castigo e mais como processo de purificação transformadora realizado pelo amor divino. Em continuidade com a tradição católica, Lubich evidencia a dimensão antecipatória dessa purificação, compreendendo-a como caminho espiritual que pode iniciar-se já nesta vida mediante a vivência do Evangelho, a superação do “homem velho” e o crescimento contínuo na caridade. Conclui-se que o purgatório pode ser compreendido como pedagogia do amor e itinerário de comunhão plena com Deus e com os irmãos e irmãs.

Palavras-chave: Chiara Lubich; Dante Alighieri; Gustave Doré; Purgatório.

Abstract

This article examines purgatory through an interdisciplinary approach that brings together literature, art, the history of doctrine, and spiritual theology. It begins with the literary representation of Purgatory in Dante Alighieri's *Divine Comedy* and its visual interpretation in Gustave Doré's engravings, then explores the historical and theological development of the doctrine within the Christian tradition, culminating in the reinterpretation proposed by Chiara Lubich. The study argues that purgatory came to be understood progressively less as punishment and more as a process of transformative purification accomplished through divine love. In continuity with Catholic tradition, Lubich emphasizes the anticipatory dimension of this purification, presenting it as a spiritual journey that can already begin in this life through living the Gospel, overcoming the “old self,” and growing continuously in charity. The article concludes that

purgatory can be understood as a pedagogy of love and an itinerary toward full communion with God and with one's brothers and sisters.

Keywords: Chiara Lubich; Dante Alighieri; Gustave Doré; Purgatory.

1 INTRODUÇÃO

Poucos temas da tradição cristã exerceram influência tão profunda sobre o imaginário religioso do Ocidente quanto o purgatório. Compreendido como estado de purificação que prepara a criatura para a plena comunhão com Deus, ele consolidou-se na reflexão teológica medieval como expressão da misericórdia divina em ação. Nesse horizonte, o sofrimento além de ser entendido como consequência da culpa ou exigência de justiça, revela-se como processo de transformação interior: um caminho pelo qual o amor de Deus purifica, restaura e conforma progressivamente a pessoa à plenitude da vida trinitária.

Essa concepção ultrapassou o âmbito estritamente teológico e marcou profundamente a literatura, a arte e a espiritualidade cristã. O purgatório tornou-se, além de doutrina escatológica, também uma poderosa metáfora da existência humana, compreendida como itinerário de conversão, amadurecimento interior e configuração progressiva ao amor de Deus.

É nesse viés que se desenvolve o presente artigo. Inicialmente, analisa-se *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265–1321), em diálogo com as gravuras de Gustave Doré (1832–1883), entendidas como uma interpretação visual que intensifica e explicita o simbolismo moral e espiritual do poema. Em seguida, examina-se a formação histórica da doutrina do purgatório na tradição cristã ocidental, particularmente à luz das interpretações de Jacques Le Goff (1924–2014) e dos costumes medievais. A reflexão prossegue com a compreensão teológica do purgatório na tradição cristã, culminando na releitura proposta por Chiara Lubich (1920–2008). Em continuidade com essa tradição, mas imprimindo-lhe uma perspectiva original, Chiara Lubich reconhece a purificação como uma realidade escatológica, cuja eficácia pode ser antecipada na existência presente por meio do amor, do desapego de si e do crescimento na comunhão com Deus e com os outros. Nessa perspectiva, a purificação deixa de ser entendida apenas como uma etapa posterior à morte para configurar-se como um processo contínuo de transformação da pessoa, que a introduz progressivamente na comunhão trinitária.

2 O PURGATÓRIO DE DANTE E AS GRAVURAS DE GUSTAVE DORÉ

O início do Purgatório de Dante Alighieri ocorre no Canto I da segunda parte da *Divina Comédia*. Eis os versos iniciais:

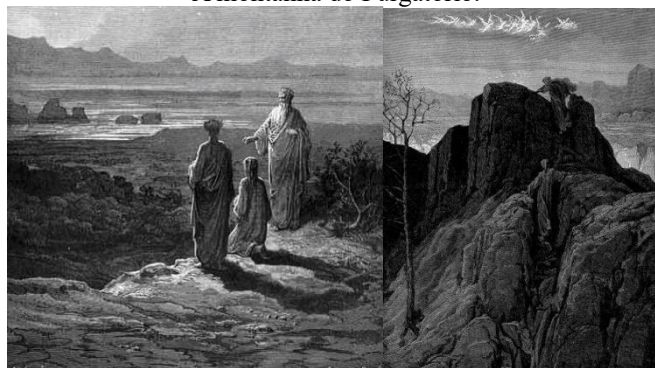
Per correr miglior acque alza le vele
ormai la navicella del mio ingegno,
che lascia dietro a sé mar sì crudele;

“Para singrar águas mais serenas,
ergue as velas agora a nau do meu engenho,
deixando atrás de si o mar tão cruel.”

Dante marca a passagem do Inferno (“mar tão cruel”) para o Purgatório, inaugurando um clima novo: menos sombrio, aberto à esperança, à purificação e à ascensão espiritual. O Canto I já começa sob a luz das estrelas e da aurora, símbolo da retomada da esperança humana em direção a Deus.

Entre 1861 e 1868, mais de cinco séculos após a morte de Dante Alighieri, Gustave Doré realizou suas célebres ilustrações para *A Divina Comédia*, representando o Purgatório como uma imensa montanha isolada que se eleva do oceano no hemisfério sul, símbolo da ascensão espiritual. À medida que Dante e Virgílio percorrem seus patamares, as almas são depuradas dos sete pecados capitais até alcançarem o Paraíso no cume da montanha.

A montanha do Purgatório.



Fonte: Dante Alighieri. *A Divina Comédia*. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Ao deixarem o Inferno, Dante e Virgílio voltam a respirar o ar puro e contemplam novamente o céu estrelado. Após a escuridão e o sofrimento do reino infernal, alcançam a praia da serra do Purgatório, onde a criação recupera sua beleza e a esperança reaparece como horizonte. Ali os dois viajantes encontram Catão de Útica, guardião daquele reino de purificação, que lhes pergunta quem são e por que chegaram àquele lugar. Virgílio explica que a viagem foi permitida pela Providência e que Dante deve percorrer o caminho da purificação para tornar-se digno da visão de Deus.

Antes de iniciar a ascensão, Catão prescreve aos peregrinos dois gestos de profundo significado simbólico. Primeiro, ordena que lave o rosto, ainda coberto pela fuligem deixada pelo Inferno, sinal da purificação que inaugura uma nova etapa. Em seguida, manda que cinja a cintura com um simples junco, planta que se dobra sem se romper, símbolo da humildade e da docilidade indispensáveis ao itinerário espiritual. Esses ritos marcam a passagem da lógica do Inferno para a do Purgatório: a escuridão cede lugar

à luz, o desespero à esperança, e a condenação irrevogável é substituída pelo caminho de conversão que conduz à contemplação de Deus.

Diferentemente do Inferno, caracterizado pela condenação definitiva e pela ausência de promessa, o Purgatório é o reino da passagem, da transformação e da ascensão. As almas sofrem, mas o fazem na certeza de que esse sofrimento é transitório e as conduz à plena comunhão com Deus.

Dante organiza o Purgatório em sete cornijas, isto é, terraços ou patamares sucessivos escavados na montanha, correspondentes aos sete pecados capitais. Cada uma constitui uma etapa do processo de purificação, na qual o vício é curado pelo exercício da virtude oposta. A montanha torna-se, assim, uma verdadeira pedagogia da conversão, em que a liberdade humana é progressivamente restaurada e orientada para o amor que culmina na visão de Deus.

Os orgulhosos (superbia) caminham curvados sob enormes pedras, aprendem a humildade.



Fonte: Dante Alighieri. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Os invejosos (invidia) têm os olhos costurados com fios de ferro, pois em vida olharam o outro com ressentimento. Aprendem a caridade e benevolência.



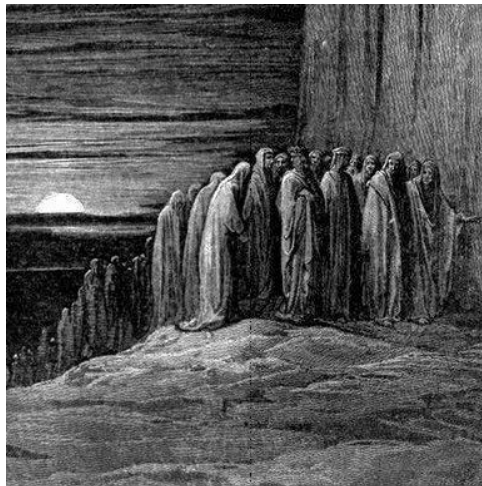
Fonte: Dante Alighieri. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Os iracundos (ira) vivem mergulhados em fumaça espessa, símbolo da cegueira produzida pela raiva. Aprendem a mansidão e a paciência.



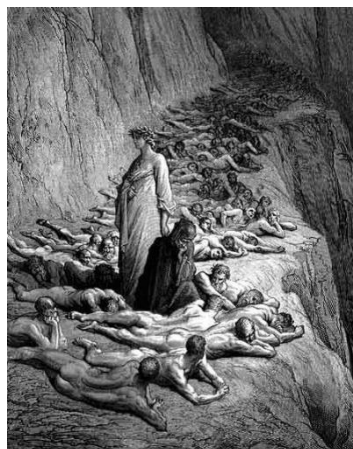
Fonte: Dante Alighieri. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Os preguiçosos espirituais (acedia) andam e correm sem descanso, aprendendo o zelo e o movimento interior que faltaram em vida. Aprendem a diligência e zelo.



Fonte: Dante Alighieri. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

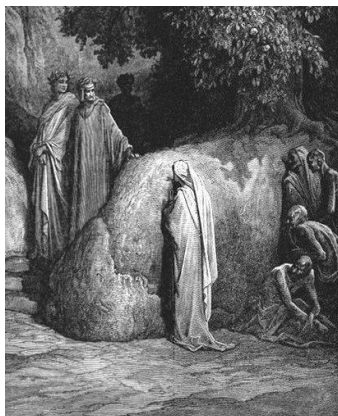
Os avarentos e pródigos (avaritia) permanecem deitados no chão, voltados para a terra à qual estiveram excessivamente presos. Aprendem a generosidade.



Fonte: DANTE ALIGHIERI. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

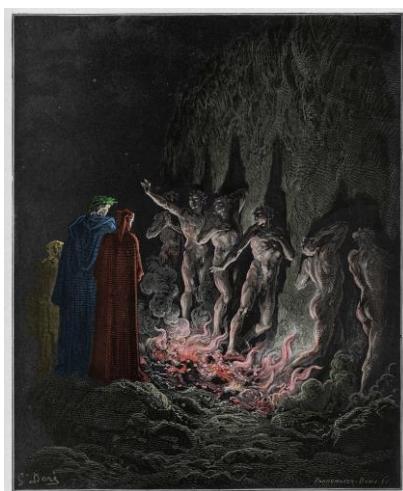
O PURGATÓRIO EM PERSPECTIVA: DE DANTE ALIGHIERI E GUSTAVE DORÉ À ORIGINALIDADE DO PENSAMENTO DE CHIARA LUBICH

Os gulosos (gula) sofrem fome e sede diante de frutos e águas inacessíveis, purificando o desejo desordenado. Aprendem a temperança.



Fonte: Dante Alighieri. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Os luxuriosos (luxuria) atravessam muralhas de fogo purificador transformando o desejo possessivo. Aprendem o amor purificado.



Fonte: Dante Alighieri. A Divina Comédia. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Do ponto de vista hermenêutico, a subida do Purgatório representa o próprio itinerário espiritual da alma. Cada patamar simboliza a depuração de uma dimensão desordenada do amor humano. O pecado, para Dante, é o amor mal orientado; por isso, a purificação consiste em reaprender a amar corretamente.

As almas já participam, ainda que de modo incompleto, da realidade que será plenamente revelada no Paraíso: a vida trinitária como comunhão perfeita de amor. Aquilo que no Purgatório é vivido como intensa espera, paciência e desejo de Deus tornar-se-á, no Céu, plenitude, visão e união definitiva.

O purgatório conserva sua dimensão penitencial: a alma sofre porque percebe, com plena lucidez, a distância entre o amor perfeito de Deus e aquilo que nela ainda resiste à graça. Esse sofrimento, contudo, não é primordialmente um castigo, mas a manifestação da misericórdia divina, que completa a obra de purificação e conforma definitivamente a criatura ao Evangelho.

Nas gravuras de Doré, o Purgatório diferentemente do Inferno - fechado e sombrio - abre-se para o horizonte e é progressivamente banhado pela luminosidade, sinal da crescente proximidade divina. As

almas avançam continuamente, acompanhadas por anjos que orientam seu percurso, evidenciando a ação da graça. Embora persistam o sofrimento, a penitência e as provas severas, toda dor assume sentido redentor, pois participa da purificação da alma e a prepara para a contemplação de Deus.

As ilustrações de Gustave Doré tornaram-se a mais influente interpretação visual de *A Divina Comédia* porque traduzem sua arquitetura simbólica e espiritual. Os abismos do Inferno, a montanha, as multidões penitentes e a luz crescente que conduz ao Paraíso compõem uma narrativa visual capaz de tornar perceptível o itinerário espiritual concebido por Dante. Embora marcadas pela sensibilidade romântica do século XIX, as gravuras permanecem profundamente fiéis à estrutura teológica e ao universo simbólico do poema, constituindo uma verdadeira mediação hermenêutica de sua visão escatológica.

À medida que a ascensão prossegue, as almas experimentam uma crescente paz e leveza espiritual, expressão da progressiva aproximação de Deus. O sofrimento deixa de expressar condenação para assumir caráter medicinal, orientado à libertação interior e à plena comunhão divina. No cume da montanha, às portas do Paraíso, Dante contempla um cenário de beleza, música e perfeita harmonia, antecipação da visão beatífica. A alma, enfim purificada, recupera sua forma originária e torna-se plenamente capaz de contemplar Deus.

3 A FORMAÇÃO HISTÓRICA DO PURGATÓRIO

Segundo Jacques Le Goff (1924–2014), em *O Nascimento do Purgatório* (1995), essa concepção escatológica não surgiu de forma repentina nem existiu como doutrina plenamente formulada desde os primeiros séculos do cristianismo. Sua configuração resultou de um longo processo de elaboração histórica, teológica e cultural, que alcançou maior definição entre os séculos XII e XIII. Nos primórdios da Igreja, encontrava-se já difundida a convicção de que algumas almas necessitavam de purificação após a morte e de que as orações, sufrágios e celebrações litúrgicas em favor dos falecidos lhes eram espiritualmente benéficos. Essa prática, porém, ainda não implicava a existência de uma doutrina sistematizada nem de um “lugar” intermediário claramente concebido entre o Céu e o Inferno.

Essa convicção apoiava-se em fundamentos bíblicos e patrísticos. Passagens como 2 Macabeus 12,44-46, que recomenda a oração pelos mortos, e 1 Coríntios 3,13-15, em que São Paulo afirma que alguns serão salvos "como através do fogo", passaram a ser progressivamente interpretadas como testemunhos de uma purificação posterior à morte. Os Padres da Igreja, especialmente a partir dos séculos III a V, aprofundaram essa compreensão ao refletirem sobre a misericórdia divina, a eficácia da penitência e a necessidade de uma purificação final para aqueles que morriam reconciliados com Deus, mas ainda não plenamente santificados.

O século XII representa um momento decisivo desse desenvolvimento. O termo latino *Purgatorium* deixa de qualificar somente o *ignis purgatorius* - o fogo purificador - para designar substantivamente uma

realidade própria do além. Essa transformação terminológica expressa uma mudança mais profunda na consciência religiosa medieval: a purificação pós-morte deixa de constituir uma crença difusa para adquirir contornos progressivamente mais definidos na teologia, na liturgia e no imaginário cristão (LE GOFF, 1995).

No século XIII, a teologia escolástica conferiu maior consistência doutrinal a essa tradição. Autores como Tomás de Aquino (1225–1274) articularam de modo sistemático a relação entre justiça, misericórdia e purificação da alma, oferecendo fundamentos teológicos para uma crença já amplamente presente na vida da Igreja. Ao mesmo tempo, a pregação, a liturgia dos sufrágios pelos mortos, as narrativas visionárias, a vida monástica e a iconografia medieval contribuíram para difundir e consolidar essa compreensão entre os fiéis. Assim, muito antes de sua posterior definição magisterial, o purgatório já se encontrava profundamente enraizado na consciência religiosa do cristianismo ocidental.

É nesse contexto histórico que se situa Dante Alighieri (1265–1321). Ao compor *A Divina Comédia*, entre aproximadamente 1307 e 1321, o poeta já encontrava uma tradição relativamente consolidada acerca da purificação após a morte. Embora a doutrina do purgatório ainda estivesse em processo de sistematização teológica e não tivesse recebido as formulações eclesiais posteriores, era amplamente discutida entre teólogos, pregadores e nos ambientes religiosos, além de estar profundamente presente na religiosidade popular. O Segundo Concílio de Lyon (1274), realizado poucas décadas antes da redação da obra, já havia afirmado oficialmente a existência de uma purificação após a morte e a eficácia dos sufrágios oferecidos pelos vivos em favor dos fiéis defuntos.

Desse modo, Dante não "inventou" o purgatório nem descreveu um preceito concebido unicamente por sua imaginação. Seu grande mérito consistiu em transformar uma tradição teológica, espiritual e litúrgica já existente em uma extraordinária construção poética e simbólica. O purgatório dantesco nasce do encontro entre a teologia medieval, a espiritualidade cristã, o imaginário religioso e a criação literária.

A sociedade na Idade Média, em sua maioria analfabeta, evidentemente não lia *A Divina Comédia*, mas assimilava, por meio da pregação, das imagens e da religiosidade popular, a ideia fundamental de uma purificação após a morte e da possibilidade de ascender à plena comunhão com Deus. Foi nesse contexto que se consolidou a concepção do purgatório como um "terceiro lugar" entre o céu e o inferno, distinta da crença, muito mais antiga e já presente nos primeiros séculos do cristianismo, de que as almas podiam ser purificadas após a morte (Le Goff, 1995).

A partir da Idade Média, cresce na cristandade ocidental a consciência pessoal do pecado, da penitência e da responsabilidade individual diante de Deus. Jean Delumeau observa que a espiritualidade desse período intensificou o sentimento de culpa e o temor do juízo final, favorecendo a ampliação das práticas penitenciais (Delumeau, 2003).

Diversos historiadores relacionam a consolidação da doutrina do purgatório às profundas transformações econômicas e sociais ocorridas entre os séculos XII e XIII, especialmente ao surgimento da burguesia urbana e mercantil. Georges Duby (1989) mostra que a expansão das cidades e do comércio alterou significativamente as estruturas da sociedade, criando novas tensões entre o enriquecimento material e os ideais da moral cristã. Colocava-se, então, uma questão decisiva: como conciliar riqueza, lucro e salvação? Muitos mercadores eram cristãos devotos, financiavam igrejas, mosteiros e obras de caridade, mas enriqueciam por meio de atividades frequentemente consideradas moralmente suspeitas, sobretudo a usura. O mercador medieval ocupava uma posição paradoxal: indispensável à nova economia urbana, permanecia, ao mesmo tempo, sob permanente suspeita do ponto de vista religioso (Le Goff, 2004).

Ao mesmo tempo, intensificava-se na cristandade, o temor do juízo particular e da condenação eterna. O medo do inferno tornou-se um dos elementos estruturantes da espiritualidade ocidental, levando muitos fiéis, sobretudo à beira da morte, a buscar a reconciliação com Deus mediante a confissão sacramental, a absolvição, a extrema-unção e a recepção da Eucaristia como viático, na esperança de escapar da condenação eterna (Delumeau, 2003). Philippe Ariès (2014) observa igualmente que a preparação para a boa morte passou a ocupar lugar central na vida religiosa medieval, cercada por ritos destinados a assegurar ao moribundo uma passagem reconciliada para a vida eterna.

Nesse contextura, a concepção do purgatório adquiriu nova relevância pastoral e social. Ao admitir uma purificação após a morte para aqueles que não eram plenamente justos nem definitivamente condenados, ela oferecia uma resposta teológica à condição espiritual dessa nova sociedade, conciliando a exigência da justiça divina com a esperança da misericórdia. O purgatório tornava-se uma afirmação doutrinal, e, ao mesmo tempo, uma mediação pastoral entre o temor do inferno e a confiança na possibilidade de uma purificação consumada pelo amor de Deus.

O purgatório passou a desempenhar também uma importante função simbólica e social: o pecador não precisava ser necessariamente condenado ao inferno, pois ainda poderia ser purificado após a morte. Além disso, os vivos podiam ajudá-lo mediante missas, esmolas, sufrágios e orações. Gabriel Le Bras (1984) ressalta que as práticas litúrgicas pelos mortos se tornaram parte essencial da organização religiosa e social da cristandade medieval. O purgatório oferecia, assim, uma mediação entre a justiça divina, a misericórdia e as novas realidades econômicas da sociedade medieval. Foi precisamente esse aspecto que motivou a crítica de Martinho Lutero no século XVI. Para o reformador, o sistema das indulgências associado ao purgatório havia se transformado numa deformação espiritual e econômica da fé cristã, obscurecendo a gratuidade da graça divina e favorecendo práticas incompatíveis com o Evangelho (Lutero, 1987).

O Concílio de Florença (1439) reafirmou a doutrina tradicional segundo a qual as almas em purificação podem ser auxiliadas pelos sufrágios dos vivos, sobretudo pelo sacrifício da Missa. Poucas

décadas depois, porém, essa compreensão seria profundamente contestada pela Reforma Protestante. Martinho Lutero e outros reformadores rejeitaram o purgatório, as indulgências e as missas pelos defuntos, por considerá-los desprovidos de fundamento suficiente nas Escrituras e frequentemente associados a abusos religiosos e econômicos.

Foi nesse contexto que o Concílio de Trento (1545–1563), reunido como resposta à Reforma, reafirmou a doutrina católica na Sessão XXV, realizada em 3 e 4 de dezembro de 1563. O decreto sobre o purgatório, deliberadamente breve, confirmou três pontos fundamentais: a existência de uma purificação após a morte, a eficácia dos sufrágios oferecidos pelos fiéis em favor dos defuntos e o lugar privilegiado do sacrifício eucarístico nesse auxílio. Ao mesmo tempo, recomendou aos bispos que evitassem especulações excessivas, descrições fantasiosas e práticas supersticiosas nas pregações dirigidas ao povo.

A sobriedade dessa definição deve ser compreendida à luz das circunstâncias em que foi elaborada. Promulgado na fase final de um concílio que se estendeu, com longas interrupções, de 1545 a 1563, o decreto surgiu em meio às tensões religiosas, políticas e diplomáticas da Europa do século XVI. Como observa John W. O'Malley (2013), a etapa conclusiva dos trabalhos (1562–1563) foi marcada por intensos debates entre as delegações francesa, espanhola e italiana, bem como pela necessidade de concluir rapidamente as deliberações conciliares.

Trento conciliar optou por reafirmar o núcleo da doutrina, sem definir questões que permaneciam objeto de reflexão teológica, como a natureza das penas purgatoriais, sua duração ou seus modos concretos. A preocupação principal foi preservar a tradição da Igreja e disciplinar sua apresentação pastoral, evitando interpretações que ultrapassassem os dados da fé.

A definição tridentina tornou-se referência para a tradição católica e serviu de base às formulações posteriores, especialmente às do *Catecismo da Igreja Católica*. Ao longo dos séculos, contudo, a reflexão teológica deslocou gradualmente seu acento. Sem abandonar a dimensão penitencial, passou a compreender o purgatório sobretudo como a consumação da obra misericordiosa de Deus naqueles que morrem em sua amizade, conduzindo-os à plena conformação com Cristo e à comunhão definitiva com a vida trinitária.

O Catecismo afirma: "Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não completamente purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do Céu" (CIC, 1030). Em seguida, esclarece: "A Igreja chama Purgatório a esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados" (CIC, 1031). Assim, preservando a continuidade com a tradição e com Trento, o Catecismo acentua de modo mais explícito o caráter santificador da purificação: o purgatório é compreendido menos como uma realidade de caráter penal do que como a consumação da obra misericordiosa de Deus naqueles que morrem em sua amizade, preparando-os para a plena comunhão com Ele.

4 DO PURGATÓRIO ESCATOLÓGICO À ANTECIPAÇÃO DA PURIFICAÇÃO NA TRADIÇÃO CRISTÃ

A convicção de que o ser humano necessita de contínua purificação para vencer o fechamento do orgulho e abrir-se plenamente à comunhão com Deus constitui, desde as origens do cristianismo, um elemento permanente da experiência espiritual. Nos Padres da Igreja encontram-se os primeiros elementos dessa compreensão. Embora a purificação após a morte fosse reconhecida, ela era entendida em continuidade com o caminho de conversão iniciado na vida presente. Santo Agostinho (354 - 430), especialmente em *Confissões* e *A Cidade de Deus*, apresenta toda a existência cristã como um itinerário de purificação do amor (*ordo amoris*), no qual a graça restaura progressivamente a criatura para a comunhão definitiva com Deus (Agostinho, 2017; 2012). Na mesma perspectiva, São Gregório Magno (540–604), nos *Diálogos*, reafirma a existência da purificação após a morte, mas insiste que a penitência, a caridade e a conversão vividas nesta existência já preparam a alma para esse encontro definitivo (Gregório Magno, 1995).

Essa compreensão tornou-se mais explicitamente espiritual e mística. São Boaventura (1217–1274), em *Itinerário da mente para Deus*, descreve a vida cristã como um percurso de purificação, iluminação e união, pelo qual a alma é progressivamente configurada a Deus até alcançar a visão beatífica (Boaventura, 2007). Na mesma linha, Santa Catarina de Sena (1347–1380), em *O Diálogo*, afirma que a comunhão ou a separação de Deus começam a ser experimentadas já nesta vida, conforme a resposta livre da pessoa ao amor divino (Catarina de Sena, 2008). A purificação deixa, assim, de ser compreendida apenas como realidade futura e passa a caracterizar o próprio itinerário espiritual da existência cristã.

A trajetória encontra uma de suas expressões mais significativas em Santa Catarina de Gênova (1447–1510). Em *Tratado do Purgatório* (2010), o purgatório já não é concebido primordialmente como pena externa, mas como a ação purificadora do próprio amor de Deus. O sofrimento purgatorial nasce do encontro da alma com a infinita santidade e caridade divinas, que revelam tudo aquilo que ainda necessita ser transformado. O purgatório deixa, assim, de ser entendido somente como uma condição posterior à morte para manifestar a lógica da própria ação de Deus, cuja obra purificadora começa já quando a criatura se entrega plenamente ao seu amor.

Nos séculos XVI e XVII, a tradição carmelita aprofunda decisivamente essa interiorização da purificação. Santa Teresa de Ávila (1515–1582), em *Castelo Interior* (2007), apresenta a vida espiritual como um caminho progressivo de purificação e união transformante mediante o desapego, a humildade e a oração. São João da Cruz (1542–1591), especialmente em *Noite Escura* (2002), interpreta as provações espirituais, as aridezes e os desapegos como obra purificadora realizada pelo próprio Deus ainda nesta vida. O sofrimento espiritual assume, portanto, uma função eminentemente transformadora: libertar a alma de tudo o que impede sua plena união com Deus. Na mesma direção, São Francisco de Sales (1567–1622), em

Tratado do Amor de Deus (2010), mostra que a santificação cotidiana, vivida na fidelidade ao amor nas pequenas circunstâncias da existência, constitui o caminho ordinário de preparação para a comunhão eterna.

No século XX, essa tradição espiritual encontrou novo aprofundamento tanto na mística quanto na escatologia. Edith Stein (1891–1942), em *A Ciência da Cruz* (2004), retomando São João da Cruz, compreende toda a existência cristã como um processo de configuração a Cristo Crucificado, no qual a purificação iniciada na história prepara a alma para sua transformação definitiva.

Paralelamente, a renovação da escatologia deslocou progressivamente o centro da reflexão do purgatório das categorias de lugar e tempo para sua dimensão cristológica e pessoal. Hans Urs von Balthasar (1905–1988), em *Escatologia no Nosso Tempo* (1986), compreende a purificação final como o encontro da criatura com o amor absoluto e santificador de Deus, que leva à consumação sua transformação. Joseph Ratzinger (1927–2022), em *Escatologia: morte e vida eterna* (1985), interpreta o purgatório como o encontro purificador com o próprio Cristo, cuja verdade e cujo amor revelam, purificam e transfiguram definitivamente a pessoa. O purgatório passa, assim, a ser compreendido sobretudo como o acontecimento salvífico em que Deus leva à plenitude uma obra já iniciada na existência terrena.

Nesse mesmo horizonte insere-se a contribuição de Pierre Teilhard de Chardin (1881–1955). Embora não tenha elaborado uma doutrina específica sobre o purgatório, sua visão evolutiva da criação oferece uma importante chave hermenêutica para compreender a purificação. Em *O Meio Divino*, toda a realidade criada aparece orientada para sua plenitude em Cristo, de modo que o sofrimento, a incompletude e tudo aquilo que resiste ao amor são progressivamente transformados pela ação divina. A purificação deixa, assim, de ser vista prioritariamente como castigo para ser compreendida como processo contínuo de amadurecimento no amor, conduzindo a pessoa e toda a criação à sua plenitude em Deus (Teilhard de Chardin, 1977).

Percorre-se, desse modo, um desenvolvimento teológico coerente. Dos Padres da Igreja à mística medieval, da espiritualidade carmelita à renovação escatológica contemporânea, consolida-se progressivamente a compreensão de que a purificação escatológica não constitui uma realidade separada da existência histórica, mas a consumação de um processo inaugurado pela graça já nesta vida. É precisamente nesse horizonte de continuidade que se situa a contribuição de Chiara Lubich. Sua originalidade não consiste em afirmar, pela primeira vez, que a purificação começa na existência terrena - convicção já presente na grande tradição espiritual cristã -, mas em compreendê-la como um processo de trinitização da existência. A partir da vida da Palavra, da configuração a Jesus Abandonado, da ação do Espírito Santo, da mediação de Maria e da espiritualidade da unidade, Chiara mostra que o amor purificador de Deus transforma concretamente o ser humano já no presente, antecipando existencialmente a finalidade do purgatório escatológico. Sem modificar a doutrina tradicional da Igreja, ela desloca o centro da reflexão

do horizonte exclusivamente pós-morte para a comunhão trinitária vivida, fazendo da purificação uma experiência histórica de participação crescente na própria vida de Deus.

5 CHIARA LUBICH: A TRINITIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA COMO ANTECIPAÇÃO DO PURGATÓRIO ESCATOLÓGICO

Chiara não modifica nem relativiza a doutrina do purgatório como estado de purificação após a morte; sua contribuição consiste em explicitar, à luz da experiência de Jesus Abandonado, uma intuição amadurecida ao longo da tradição mística da Igreja: a finalidade da purificação escatológica pode começar a realizar-se já na existência cristã. Assim, a purificação além de ser compreendida como realidade futura, torna-se um dinamismo espiritual vivido no presente, mediante a acolhida da vontade de Deus, o esvaziamento do próprio ego e a progressiva configuração a Cristo. A vida configura-se, desse modo, o lugar privilegiado onde a graça antecipa a obra transformadora atribuída ao purgatório, conduzindo a criatura à comunhão com Deus. No centro dessa espiritualidade encontra-se Jesus Abandonado, expressão suprema do amor redentor, cuja participação conduz o cristão ao desapego de si mesmo e à plena comunhão com Deus.

A vida cristã consiste em um contínuo processo de superação do "homem velho", para que Cristo viva plenamente na pessoa. Essa compreensão encontra seu fundamento na teologia de São Paulo, que exorta os cristãos a "despojai-vos do homem velho" e a " revesti-vos do homem novo" (Ef 4,22-24; Cl 3,9-10). Em um de seus pronunciamentos, Chiara afirma:

"É sim, não é brincadeira! (o homem velho) tem de morrer mesmo; se não morrer agora, morrerá no purgatório. É preciso fazer morrer o 'homem velho'. E como fazer? É preciso eliminar o modo de ver, o modo de amar e o modo de querer do 'homem velho', e deixar que viva Jesus em nós" (Lubich, 1984).

Essa passagem evidencia a dimensão existencial da purificação. Aquilo que, para muitos, permanece uma realidade futura pode iniciar-se já nesta vida pela livre cooperação com a graça. A morte do "homem velho", anunciada por São Paulo, e o progressivo revestir-se de Cristo expressam o modo como essa purificação se realiza concretamente na existência. A originalidade de Chiara não está em substituir a doutrina tradicional do purgatório, mas em explicitar que sua finalidade - a plena transformação da criatura pelo amor de Deus - pode começar a cumprir-se já no tempo, mediante uma vida inteiramente configurada a Cristo, antecipando, na história, a obra purificadora que conduz à plena comunhão com Deus.

Esse mesmo foco aparece em outro texto, no qual Chiara emprega uma linguagem simbólica para expressar o valor santificador das provações acolhidas por amor:

“Ó Jesus, gostaria de ver-te. Os teus olhos, o teu semblante, o teu porte, a tua nobreza. Mas basta esperar alguns anos e preparar rapidamente o passaporte direto para o céu, pagando antecipadamente o Purgatório na terra” (Lubich, 1969).

A expressão “pagando antecipadamente o Purgatório na terra” não deve ser interpretada em sentido jurídico ou como negação da doutrina escatológica tradicional. Trata-se de um vocabulário espiritual que enfatiza a eficácia purificadora do amor vivido concretamente nas circunstâncias da existência. As dificuldades, os sacrifícios e os sofrimentos acolhidos em união com Cristo tornam-se ocasião de amadurecimento espiritual e de purificação interior. O reconhecimento humilde da própria fragilidade torna-se condição indispensável para essa transformação espiritual. O Catecismo da Igreja Católica ensina: “A verdade é que o homem, se olhar para o seu coração, descobre-se inclinado também para o mal e imerso em muitas misérias” (CIC, n. 401). Reconhecer-se imperfeito, porém, não significa permanecer fechado no pecado, mas abrir-se à ação purificadora da graça. A humildade ocupa, então, lugar central na espiritualidade cristã: “A humildade é o fundamento da oração” (CIC, n. 2559).

Também o Papa Francisco recorda que todos são convidados à santidade no cotidiano: “Todos somos chamados a ser santos vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia” (Francisco, 2018, n. 14). O pensamento de Chiara converge profundamente com a tradição católica ao afirmar que a vida espiritual começa quando o ser humano deixa de colocar o egoísmo no centro e permite que Cristo viva nele. O “homem velho” representa a lógica do fechamento em si; Cristo, ao contrário, inaugura a lógica do amor, da comunhão e da entrega. A verdadeira conversão consiste precisamente nesse movimento pascal: morrer progressivamente para si mesmo, para que o amor de Deus transforme inteiramente a pessoa.

Chiara apresenta uma compreensão particularmente serena da purificação espiritual ao utilizar a imagem da chama e da vela. Assim como a chama consome lentamente a cera até transformá-la em luz, também o amor de Deus purifica progressivamente a pessoa humana, consumindo o egoísmo, orgulho e fechamento ao amor e ao próximo. Nessa concepção, o sofrimento não possui sentido meramente destrutivo ou punitivo; ele pode tornar-se lugar de transformação interior quando vivido em união com Deus. O amor divino age na alma como fogo purificador, não para aniquilar a pessoa, mas para torná-la plenamente capaz de amar: “Por isso, toda dor tornou-se, por Cristo, Deus feito Amor. (Lubich, 2026, p. 241).

A afirmação - “A Palavra da Vida purifica, e quem a vive, quem se torna Palavra, já está purificado. Com efeito, foi transferido para o Outro; está em Deus, que é a Palavra” (Lubich, 2026, p. 333) - retoma e aprofunda a palavra de Jesus: “Vós já estais limpos por causa da palavra que vos tenho falado” (Jo 15,3). Enquanto o evangelista apresenta a Palavra de Cristo como princípio da purificação dos discípulos, Chiara desenvolve essa verdade em chave existencial, mística e ontológica. A Palavra não só purifica do pecado; quando acolhida e vivida concretamente, transforma progressivamente a própria existência, até que a pessoa

se torne ela mesma "Palavra". A expressão "é transferido para o Outro" indica essa passagem do fechamento em si para uma vida inteiramente configurada a Deus, na qual a comunhão com o Logos - promessa escatológica -, tornar-se experiência presente. A purificação, portanto, não consiste simplesmente na remoção da culpa, mas na progressiva conformação da vida à Palavra, pela qual o ser humano participa, já neste mundo, da comunhão trinitária.

A purificação começa no instante em que a Palavra é acolhida como forma concreta de vida. Seu dinamismo consiste em permitir que Deus realize, já nesta existência, a transformação interior da criatura, até que nada permaneça contrário ao amor. Por isso, a verdadeira ascese não é, em primeiro lugar, fruto do esforço moral, mas da crescente disponibilidade à ação do Espírito Santo. Chiara exprime essa intuição por meio daquilo que denomina "castidade de Deus": conservar "o amor no coração como puro e somente Espírito Santo", esvaziando-se totalmente de si mesmo para que, nesse vazio, habite o Espírito Santo: "é na Trindade, a Relação dos Dois; portanto, é o Amor e a Purificação deles" (Lubich, 2026, p. 326). A purificação consiste, assim, em abandonar todo amor possessivo ou autorreferencial para que o próprio Espírito Santo, Amor subsistente do Pai e do Filho, se torne o princípio interior da existência.

Nesse caminho, Maria, a mãe de Jesus, ocupa um lugar singular: "Víamos em Maria toda a criação purificada e redimida, e compreendíamos como toda a criação retornava a Deus por Maria" (Lubich, 2026, p. 288). Porque acolheu plenamente a Palavra, Maria tornou-se a criatura inteiramente transparente a Deus, a "porta para o Paraíso", pela qual a humanidade reencontra o caminho da comunhão divina (Lubich, 2026, pp. 207; 288). É por isso que Chiara reafirma: "Chegamos diretamente a Deus através de três portas abertas: o irmão, Maria e Jesus" (Lubich, 2026, p. 307). A purificação nunca é um percurso individualista; ela realiza-se no amor concreto ao irmão, na escola de Maria e na configuração a Cristo.

"Ora, quem vive a unidade já está purificado e já está iluminado (porque vive Jesus): é a pureza viva - no sentido mais amplo da palavra - e a luz viva" (Lubich, 2026, p. 407). Essa afirmação encontra seu complemento na página precedente: "E quem vive Jesus está no Caminho, não em um caminho; no Caminho onde todos os caminhos, distribuídos na Trindade, se unem e se sintetizam em um só. De fato, quem vive Jesus é purificado por si mesmo e é tão iluminado que se torna a própria Luz" (Lubich, 2026, p. 406).

Nesses desenvolvimentos culmina a compreensão de Chiara sobre a purificação: mais do que um estado intermediário, ela constitui um processo de trinitização da existência, pelo qual a criatura é progressivamente configurada à comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, até que sua vida participe da dinâmica do amor recíproco que constitui o próprio ser de Deus.

À medida que a pessoa se empenha em viver a Palavra, ama concretamente o irmão, acolhe a ação do Espírito Santo, percorre o caminho de Maria e se configura a Jesus Abandonado, participa cada vez mais plenamente da vida do Uno trinitário. Nessa perspectiva, a purificação escatológica esperada pode ser

progressivamente antecipada na própria história, tornando desnecessária a purificação após a morte. O purgatório revela-se, desta maneira, como a obra do amor de Deus que já transforma a criatura no presente, conduzindo-a à plena comunhão trinitária. Sem alterar a doutrina da Igreja, Chiara reorienta a compreensão da purificação, do horizonte exclusivamente pós-morte para o dinamismo da vida cristã, mostrando que a santificação é um caminho vivido desde agora. Essa constitui uma de suas contribuições mais originais para a teologia contemporânea do purgatório: compreender a purificação como participação crescente na vida da Trindade, iniciada no tempo e consumada na eternidade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**. Tradução de Oscar Paes Leme. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Lorenzo Mammi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. São Paulo: Loyola, 2003.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

BALTHASAR, Hans Urs von. **Escatologia no nosso tempo**. São Paulo: Paulus, 1986.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BOAVENTURA. **Itinerário da mente para Deus**. Tradução de Luís Alberto De Boni. Petrópolis: Vozes, 2007.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas; Loyola; Ave-Maria, 1993.

CATARINA DE GÊNOVA. **Tratado do purgatório**. São Paulo: Cultor de Livros, 2010.

CATARINA DE SENA. **O diálogo**. São Paulo: Paulus, 2008.

CONCÍLIO DE TRENTO. Decreto sobre o purgatório. Sessão XXV, 3-4 dez. 1563. In: DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. Tradução de José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. p. 739-740.

DANTE ALIGHIERI. **A Divina Comédia**. Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Martin Claret, 2003.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo: a culpabilização no Ocidente (séculos XIII-XVIII)**. Bauru: EDUSC, 2003.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FRANCISCO. **Gaudete et Exsultate**: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO DE SALES. **Tratado do amor de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GREGÓRIO MAGNO. **Diálogos**. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO DA CRUZ. **Noite escura**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LE BRAS, Gabriel. **A Igreja medieval**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida**: economia e religião na Idade Média. Tradução de Rogério Silvestre. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do purgatório**. Tradução de Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Estampa, 1995.

LUBICH, Chiara. **A unidade e Jesus Abandonado**. São Paulo: Cidade Nova, 2003.

LUBICH, Chiara. **Discurso em Rocca di Papa**, 30 dez. 1984.

LUBICH, Chiara. **Escritos espirituais**. São Paulo: Cidade Nova, 1984.

LUBICH, Chiara. Paradiso '49. **A cura di Piero Coda e Alba Sagariglia**. Roma: Città Nuova; Centro Chiara Lubich, 2026.

LUTERO, Martinho. **Debate para o esclarecimento do valor das indulgências (95 teses)**. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

O'MALLEY, John W. **Trent**: What Happened at the Council. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

RATZINGER, Joseph. **Escatologia**: morte e vida eterna. São Paulo: Quadrante, 1985.

STEIN, Edith. **A ciência da cruz**: estudo sobre São João da Cruz. São Paulo: Loyola, 2004.

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O meio divino**. Petrópolis: Vozes, 1977.

TERESA DE ÁVILA. **Castelo interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2007.